

RESENHA “A PRODUÇÃO CAPITALISTA DO ESPAÇO” DE DAVID HARVEY

Leticia Krol SANTOS¹

O livro “A produção capitalista do espaço”, de autoria de David Harvey, publicado em 2005, é dividido em oito capítulos, nos quais ele faz uma análise marxista do espaço, numa relação entre o Estado e o capitalismo, como conceitos essenciais para a análise da Geografia.

No primeiro capítulo, “A reinvenção da Geografia; uma entrevista com os editores da *New Left Review*”, Harvey apresenta como se interessou pela Geografia, quando na infância percorreu todo o norte de Kent, quando aprendeu geologia, agricultura e paisagem; na adolescência, na época do colegial, quando teve interesse pela literatura que possibilitou outra visão do mundo, ingressando em Cambridge para estudar Geografia. Ainda neste capítulo, faz explanações de seus escritos e os contextos históricos deles, por exemplo, a influência de Baltimore, que despertou o interesse em analisar a cidade, abordando elementos, como capital, produção, Estado, espaço, luta de classes e fragmentação. Sendo assim, aprofunda-se nos discursos estabelecidos por Marx e por Lefebvre.

No segundo capítulo “A Geografia da acumulação capitalista: uma reconstrução da Teoria Marxista”, Harvey faz uma abordagem da Teoria da Acumulação de Marx e o relaciona com a questão da estrutura espacial. Esta acumulação de capital sempre está no centro do sistema e é formado por contradições internas, com frequentes crises. Estas crises são reais devido às barreiras produzidas pelo próprio capitalismo, como a oferta de trabalho, meios de produção e infraestrutura.

Pensando assim, Harvey aponta ao progresso da acumulação dependente de alguns fatores, como a existência de excedente da mão-de-obra, existência de mercado que possibilita a expansão da produção e para absorver as mercadorias produzidas.

Neste sentido, se faz necessária a disponibilidade da circulação, a partir das relações de transporte. Esta circulação denota um sentido de integração do espaço e uma redução do tempo, criando um espaço novo para que o capital possa ser acumulado, logo, torna-se mais expansível. Este processo resulta no comércio exterior, que Marx considera como apenas causador de confusão, sem acrescentar nada novo à produção, ou seja, apenas ampliam as contradições. Esta criação de novos espaços para a acumulação recebe o título de teoria do imperialismo.

No terceiro capítulo “A teoria marxista do Estado”, Harvey demonstra qual o papel do Estado na sociedade capitalista, partindo das concepções teóricas do artigo de Larry Wolf (1976). Assim, propõe uma teoria marxista do Estado, embora Marx não tenha escrito especificamente sobre o Estado, esta concepção é difundida em seus escritos. O Estado sempre esteve presente, apoiando o modo de produção capitalista e o consumo. Surge das contradições entre classes e é independente. No entanto, a classe rica usa o Estado como instrumento de dominação, como interesse de classe, já que é organizado como meio de sustentação das relações entre capital e trabalho.

O Estado capitalista regula a competição, para a acumulação de capital, disponibiliza infraestruturas para a produção e troca capitalista, além de agir na administração dos lucros, tentando impedir que ocorram crises.

No quarto capítulo “O ajuste espacial: Hegel, Von Thünen e Marx”, o autor apresenta a relação entre estes três autores, a partir do último capítulo de “O Capital” de Marx sobre “a

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, com ênfase na linha de pesquisa: Dinâmica dos Espaços Rurais e Urbanos.

teoria moderna da colonização”. Os três autores tem uma mesma perspectiva de entender a produção e as relações de trabalho, bem como as diferenças de classes. Porém, existem também grandes diferenças. Por exemplo, Marx aborda o lado material das relações, enquanto Hegel tinha por base a ideologia; para este, o Estado reconhecido como realidade da Ideia ética era a solução para as diferenças de classes e sofrimento, para Marx, era o proletariado. Enquanto isso, Von Thünen defende a ideia de uma distribuição de capital de forma homogênea, numa ideologia de capitalismo. Neste sentido, Marx aponta no último capítulo de “O Capital”, que a classe rica contradiz em seus próprios feitos.

Ainda neste capítulo, Harvey aponta três tópicos de como a superacumulação e a desvalorização podem ser remedidas: os mercados externos e o subconsumo; a exportação de capital para a produção; e a expansão do proletariado por meio da acumulação primitiva. A partir disto, é gerada uma extrema exploração, onde periferias são exploradas pelos centros e onde a metrópole explora o que está ao seu entorno. Esta exploração gera revolta, onde os fracos e os oprimidos se revoltam contra os fortes e os opressores.

No quinto capítulo “A geopolítica do capitalismo”, Harvey aborda as principais características do capitalismo e seu modo de produção. Para que o modo de produção seja possível, Harvey propõe uma teoria onde a reprodução da vida depende das mercadorias produzidas pelo processo de circulação, que é gerido por diversos agentes econômicos. Sendo assim, o capitalismo tem como principal elemento o excedente, tanto do capital como da força de trabalho, pois só assim a circulação é possível. Esta, no entanto, precisa ser efetuada num determinado tempo necessário, caso contrário, seu capital é desvalorizado. Ainda, deve-se pensar na possível crise estimulada pelo excedente.

A fim de evitar crises e promover uma instabilidade, Harvey propõe a formação de alianças entre os agentes econômicos, ou seja, entre as classes, organizada pelo Estado num território. A competição, neste sentido, seria com o objetivo de reter benefícios no todo, pois seriam defendidos os ideais em comum. Por fim, apresenta a geopolítica do capitalismo, quando há a crise acompanhada da desvalorização do capital e da força de trabalho e nas condições de superacumulação.

No sexto capítulo, Harvey apresenta “Do administrativismo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio”, passando a abordar a inserção do urbano nas relações capitalistas. Neste sentido, o governo passa a atuar de forma mais frequente na organização urbana por meio do empreendedorismo. Questões conceituais, como o significado literal de cidade é abordado, quando a interpreta como um lugar onde deveria haver integração das diferentes práticas sociais e espaciais. No entanto, o que se vê é a hegemonia. A partir disto, Harvey propõe algumas estratégias para a governança urbana, por exemplo, investimentos públicos e privados nas infraestruturas para fortalecer a base econômica, melhor ocupação competitiva das cidades no consumo, a aplicação do empreendedorismo para controlar e comandar e a divisão dos lucros.

No capítulo sete “A Geografia do poder de classe”, Harvey propõe a constituição do comunismo como um manifesto das classes menosprezadas, quando trabalhadores poderiam se unir e lutar por igualdade, quando horas de trabalho não seriam de forma exploratória e quando os salários seriam justos.

Por fim, no último capítulo do livro, Harvey discute “A arte da renda: a globalização e transformação da cultura em *commodities*”, quando aborda a cultura como mercadoria, como produto, rotulada pela globalização. Neste capítulo é abordada a categoria de “renda monopolista”, definida quando um grupo hegemônico controla algo e aumenta seu fluxo de renda por muito tempo, seja um recurso natural, mercadoria, local ou algo produzido. Esta categoria mostra que não existe um produto único, por isto, a competição se torna possível. Neste sentido, os *commodities* diminuem a possibilidade de vantagens monopolistas.

Harvey apresenta as negociações do vinho que vão além da produção no espaço, mas como um elemento que proporciona um envolvimento cultural em todos os sentidos e uma busca incessante pelas rendas monopolistas. Ou seja, na forma local estas rendas absorvem as culturas. Numa forma de desenvolvimento urbano, Harvey apresenta que o empreendedorismo deve ser aplicado, podendo haver uma relação entre o local e o global no sistema de globalização. A globalização, neste sentido, é apresentada como uma unidade que engloba as atividades e as relações capitalistas globais, ou seja, processos desiguais são realizados. Por fim, é apresentado que quando o sistema capitalista busca o individual, o cultural e o local, um novo tipo de espaço pode ser pensado, o que Harvey denomina de espaço de esperança.

A partir do estudo destes oito capítulos do livro é possível considerar quão importante é o estudo do urbano, do local e do individual. É no urbano que as grandes relações capitalistas de produção e as relações de trabalho e de capital são realizadas; é neste espaço que o Estado interfere nas formas de relações; é no urbano que a maioria das classes é oprimida e idealiza-se uma Geografia de poder de classe.

Ou seja, é no espaço urbano onde se idealiza um espaço de esperança, que a partir da interferência do Estado é possível pensar num espaço de todos, onde as mais variadas culturas podem ser representadas, sem serem objetos ou mercadorias do modo de produção. Assim como Baltimore, muitos espaços urbanos podem ser pensados a partir da história das relações de produção capitalista.

REFERÊNCIA

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.